

Construindo uma narrativa antirracista para a formação em enfermagem: relato de experiência de uma ação afirmativa em sala de aula

Constructing an antiracist narrative for training in nursing: an experience report of an affirmative action in the classroom

Construir una narrativa antirracista para la educación en enfermería: informe de la experiencia de una acción afirmativa en el aula

Luciana Silvério Alleluia Higino da Silva^{1,2} 
Cláudia Mara de Melo Tavares² 
Matheus Marques Ferreira² 
Thiago Nogueira da Silva² 

¹Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Eusébio, Ceará, Brasil.

²Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

Autor correspondente:

Luciana Silvério Alleluia Higino da Silva
E-mail: lualleluia@id.uff.br

Como citar este artigo: Silva LSAH, Ferreira MM, Silva TN. Construindo uma narrativa antirracista para a formação em enfermagem: relato de experiência de uma ação afirmativa em sala de aula. Rev. Eletr. Enferm. 2023;25:73996. <https://doi.org/10.5216/ree.v25.73996> Português, Inglês.

Recebido: 06 setembro 2022
Aceito: 23 março 2023
Publicado online: 23 junho 2023

RESUMO

Objetivo: analisar, à luz Teoria Crítica da Raça, uma aula ministrada sobre o impacto do racismo e a importância das ações afirmativas na formação e atuação da enfermagem. **Métodos:** se trata de um relato de experiência de elaboração, organização e desenvolvimento de uma aula da disciplina de Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental, realizada em 2022, com acadêmicos do sexto período de graduação, na modalidade de ensino remoto, pautado em metodologia ativa para propiciar dinamismo e criticidade na aprendizagem sobre racismo e as ações afirmativas e antirracistas na graduação em enfermagem. **Resultados:** a organização da aula resultou em três eixos temáticos, a saber, “Racismo: o ensino e a história das ações de cuidado nas filosofias africanas”; “Racismo: cuidado e teoria”; e “Racismo: formação profissional, prática do cuidar em enfermagem e as ações afirmativas em saúde”, os quais foram percorridos em movimentos de teorização, discussão e proposição. **Conclusão:** aula sobre racismo como a que foi apresentada configura em relevante ação afirmativa para a formação decolonial de estudantes de enfermagem, que pode favorecer a construção de uma sociedade pautada na equidade racial.

Descritores: Racismo; Enfermagem psiquiátrica; Política Pública; Saúde mental; Desenvolvimento de pessoal.

ABSTRACT

Objective: to analyze, from the perspective of Critical Race Theory, a class about the impact of racism and the importance of affirmative actions for training and practice in nursing. **Methods:** experience report describing the preparation, organization, and development of a class in the subject entitled Psychiatric Nursing and Mental Health, taught in 2022 to sixth-term undergraduates as remote education. The class was based on an active methodology in order to promote dynamism and critical judgement in the learning about racism and affirmative and antiracist actions in an undergraduate nursing course. **Results:** class organization originated three thematic areas: “Racism: teaching and history of care actions in African philosophies”; “Racism: care and theory”; and “Racism: professional training, care practice in nursing, and affirmative actions in health”. These areas were addressed by means of theorization, discussion, and proposition. **Conclusion:** a class about racism like the object of the present study is a relevant affirmative action for decolonial training of nursing students, which can favor the construction of a society based on racial equity.

Descriptors: Racism; Psychiatric Nursing; Public Policy; Mental Health; Staff Development.

© 2023 Universidade Federal de Goiás. Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos de licença Creative Commons.



RESUMEN

Objetivo: analizar, a la luz de la Teoría Crítica de la Raza, una clase enseñada sobre el impacto del racismo y la importancia de la acción afirmativa en la formación y el desempeño de la enfermería. **Métodos:** este es un relato de experiencia de elaboración, organización y desarrollo de una clase de la disciplina de Enfermería Psiquiátrica y Salud Mental, realizada en 2022, con estudiantes del sexto período de graduación, en la modalidad de enseñanza remota, basada en metodología activa para proporcionar dinamismo y criticidad en el aprendizaje sobre el racismo y las acciones afirmativas y antirracistas en la graduación de enfermería. **Resultados:** la organización de la clase resultó en tres ejes temáticos, a saber, “Racismo: la enseñanza y la historia de las acciones de cuidado en las filosofías africanas”; “Racismo: cuidado y teoría”; y “Racismo: formación profesional, práctica asistencial de enfermería y acción afirmativa en salud”, que fueron atravesados en movimientos de teorización, discusión y proposición. **Conclusión:** una clase sobre racismo como la presentada configura en acción afirmativa relevante para la formación descolonial de estudiantes de enfermería, que puede favorecer la construcción de una sociedad basada en la equidad racial.

Descriptor: Racismo; Enfermería Psiquiátrica; Política Pública; Salud Mental; Desarrollo de Personal.

INTRODUÇÃO

O processo formativo escolar brasileiro, iniciado com a colonização, sofreu forte influência europeia desde o seu surgimento⁽¹⁾. O modelo em que se consolidou o ensino naquele contexto se balizou na cultura eurocentrada — branca, cristã e patriarcal⁽²⁾, marcada pela relação étnico-racial entre os povos europeus e africanos visando exploração, subserviência, escravidão^(2,3), expropriação social e cultural dos povos não brancos⁽³⁾.

Nessa época, não era permitida a circulação da população negra nas escolas e tampouco ingressar nos cursos de formação profissional^(3,4). Esse impedimento teve efeitos nefastos para a cidadania dos negros no período pós-abolição da escravidão no Brasil uma vez que não houve planejamento ou política para essa população ser inserida como cidadã naquele novo modelo de sociedade que se instaurava⁽⁵⁾.

O racismo, ou seja, o preconceito e inferiorização das pessoas pela raça⁽⁶⁾, foi expresso em relação à população negra sob diversas formas de discriminação e exclusão social, gerando estigmas que se perpetuaram até os dias atuais, o que atribui a grande parte desse grupo um lugar social marginalizado, desambicioso e desvalido^(6,7).

Nesse contexto, a formação de profissionais em nível da graduação na área da saúde traz marcas expressivas desse processo, sendo evidente o acesso desigual à formação universitária⁽⁸⁾. O percentual de estudantes negros na graduação em enfermagem é de 37,9%, em contrapartida, entre os técnicos e auxiliares o percentual é de 57,4%⁽⁹⁾.

A Teoria Crítica da Raça⁽⁷⁾ tem se mostrado uma ferramenta importante para o enfrentamento do racismo em suas diversas facetas, uma vez que seus princípios e premissas implicam na revisão dos valores da filosofia ocidental, com vistas a modificar a hierarquia étnico-racial a fim de transmutar as estruturas do racismo. Isso ocorre por meio de políticas antirracistas⁽⁷⁾, no contexto

das quais são desenvolvidas ações afirmativas. Tais condutas compõem um conjunto de estratégias para dirimir as diferenças de acesso e oportunidades que a população negra não possuiu. Do ponto de vista formativo, esses movimentos precisam adentrar os espaços acadêmicos⁽⁷⁾.

Entre as ações afirmativas, no campo da formação em enfermagem é preciso maior investimento no processo de decolonização, isto é, de romper com o cenário de hegemonia e agregar os constructos culturais oriundos dos povos não brancos^(5,10).

O objetivo desse estudo consiste em analisar, à luz Teoria Crítica da Raça, uma aula ministrada sobre o impacto do racismo e a importância das ações afirmativas na formação e atuação da enfermagem.

MÉTODOS

Trata-se de relato de experiência sobre elaboração e desenvolvimento de uma aula sobre racismo e ação afirmativa, ocorrida em maio de 2022, na modalidade de ensino remoto para 45 estudantes do sexto período de graduação do curso de enfermagem da disciplina Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental, em uma universidade federal no estado do Rio de Janeiro.

Para a elaboração do plano de aula, organização e desenvolvimento das atividades foram utilizadas como fontes, artigos científicos⁽⁸⁻¹⁰⁾, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁽¹¹⁾, políticas públicas⁽¹²⁾, livros^(7,13,14), fotos e imagens do *Google*[®].

A estrutura pedagógica utilizada, inspirada nas metodologias ativas, compreendeu dinamicamente três movimentos: teorização, discussão e proposição, onde foi possível produzir, na interação dialógica com os estudantes no ambiente virtual de aprendizagem, um espaço de reflexões, críticas e sugestões de ações afirmativas e enfrentamento ao racismo.

RESULTADOS

A aula foi ministrada de forma participativa, dividida em 3 eixos temáticos:

1. Racismo: o ensino e a história das ações de cuidado nas filosofias africanas;
2. Racismo: cuidado e teoria; e
3. Racismo: formação profissional, prática do cuidar em enfermagem e as ações afirmativas em saúde.

Racismo: o ensino e a história das ações de cuidado nas filosofias africanas

Nessa temática inicial, buscou-se caracterizar o cuidado na filosofia dos povos africanos e da centralidade do uso de elementos da natureza como fontes para recuperação da saúde nessas culturas. Evidenciou-se a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN)⁽¹²⁾ como ação afirmativa em saúde e para apontar elementos da vida acadêmica que expressam avanços nessa área. A descrição dessa dimensão da aula e seus respectivos movimentos estão descritos no Quadro 1.

Racismo: cuidado e teoria

Nesse tema tratou-se sobre a necessidade de aproximação de teóricos que abordem o racismo como determinante de saúde em geral e de saúde mental da população negra. Autores como Fanon⁽¹³⁾ e Souza⁽¹⁴⁾ são importantes nas pautas relativas às psicopatologias que mais incidem sobre população negra e a influência do racismo no surgimento das principais doenças e agravos a esse grupo social.

Nesse contexto, o conceito de interseccionalidade é fundamental para proporcionar um novo ensino e prática que dialoguem na perspectiva decolonial⁽⁵⁾. O desenvolvimento desse tema está sintetizado no Quadro 2.

Racismo: formação profissional, prática do cuidar em enfermagem e as ações afirmativas em saúde

Nesse eixo foram abordados o racismo, a formação profissional e a prática do cuidar em enfermagem, e sua interface com o Sistema Único de Saúde (SUS). No Quadro 3 podem ser visualizados os movimentos pedagógicos percorridos.

Quadro 1. Desenvolvimento do tema “Racismo: o ensino e a história das ações de cuidado nas filosofias africanas” conforme os movimentos pedagógicos desenvolvidos na disciplina de Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental, Rio de Janeiro, Brasil, 2022

Tema: Racismo: o ensino e a história das ações de cuidado nas filosofias africanas”
Movimentos pedagógicos: teorização, discussão e proposição
Durante a exposição teórica dialogada foi abordado o cuidado nas filosofias africanas, evidenciando que ele não se orientou pelo positivismo e tampouco na centralidade médica e farmacológica. Ressaltou-se que o cuidado era ampliado e não se restringia ao sintoma, a um procedimento ou a um medicamento. Ainda, evidenciou-se que o cuidar decolonial decorre da ancestralidade e encontra nos elementos da natureza as fontes para recuperação da saúde.
Nesse contexto da aula, alguns estudantes falaram sobre o cuidado das parteiras, benzedeiras e trouxeram a contribuição do uso das plantas, que resultou em princípio ativo de numerosas medicações utilizadas na atualidade. O ensino positivista restringiu as ações do cuidado e rechaçou as práticas que fugiam ao escopo da evidência científica. Atualmente, as discussões vislumbram ampliar as práticas de cuidados, pois é preciso compreender que existem outras formas de cuidar em saúde.
A turma relatou e exemplificou a falta de reconhecimento e de inserção das terapias oriundas da cultura Africana, reconheceram a necessidade de instituir ações e planejamento para a saúde da população, principalmente da população negra. Muitos deles pouco sabiam acerca da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra – PNSIPN ⁽¹²⁾ . Este tema não havia sido anteriormente tratado ao longo da graduação da turma, até aquele momento.
Foram abordadas algumas das estratégias utilizadas como ação afirmativa para superação do racismo na história e no ensino, destacando: 1) a obrigatoriedade do quesito raça/cor nos formulários dos Sistemas de Informação em Saúde; 2) as cotas raciais nos concursos e cursos; 3) as bancas de heteroidentificação e a adoção de “preto e pardo” para identificação da raça negra.
Os estudantes trouxeram mais exemplos e consideraram que essas diretrizes precisam ser inserir nos currículos e disciplinas da formação em saúde. Por essa razão se faz necessário uma apropriação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra – PNSIPN ⁽¹²⁾ nos cursos de enfermagem. Conjuntamente, os estudantes construíram uma proposta de estratégia para o enfrentamento local e coletivo. Sugeriram a formação de um grupo de trabalho interno para dar robustez, fortalecer e criar uma memória histórica das ações afirmativas para a enfermagem na universidade. A turma também entendeu haver necessidade de incluir outros grupos invisibilizados pela sociedade que insistem em dialogar com a neutralidade (branca, cis, cristã e heterossexual) e desconsidera a diversidade.

Quadro 2. Desenvolvimento do tema “Racismo: cuidado e teoria” conforme os movimentos pedagógicos desenvolvidos na disciplina de Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental, Rio de Janeiro, Brasil, 2022

Tema: Racismo: cuidado e teoria
Movimentos pedagógicos: teorização, discussão e proposição
Foi proposta uma discussão para compreender a tripla influência que incide sobre a população negra, adotando como referencial a interseccionalidade neste contexto, que propõe o “interfaceamento” da raça, do gênero e da classe, como uma perspectiva mais abrangente de se compreender os determinantes de saúde. Buscou-se desenvolver esse conceito como essencial na compreensão das ações e políticas que sustentam princípios norteadores do Sistema Único de Saúde (SUS).
Reiterou-se nesse eixo temático que a formação em enfermagem requer um encontro dinâmico entre a teoria e a prática. Por sua vez, esse dinamismo se propõe a oferecer campos teóricos para sustentar as ações (práxis) profissionais de enfermagem. Destacou-se que o profissional da enfermagem precisa ter a consciência de que o cuidado antes de ser realizado deve balizar suas condutas em consonância com o aporte teórico oferecido pelos referenciais. Ainda, buscou-se favorecer a compreensão de que o cuidado de enfermagem não é apenas a reprodução de uma técnica, ele, na verdade, se dá a partir do encontro, identificação dos problemas, planejamento, execução, avaliação das ações. Nesse sentido, o enfermeiro precisa saber qual o melhor planejamento de cuidado para estabelecer.
Foram propostas algumas leituras sobre as teorias que colaboram nas reflexões para uma sistematização do cuidado integral e que valorizam a subjetividade e a diferença. Discutimos com quatro teóricas para pensar como cuidar em uma perspectiva decolonial: Wanda Aguiar Horta (Teoria das Necessidades Humanas Básicas) ^(15,16) ; Hildegard Peplau (Teoria do Relacionamento Interpessoal) ^(15,16) ; Madeleine Leininger (Teoria Transcultural de Enfermagem) ^(15,16) ; e Jean Watson (Teoria do Cuidado Transpessoal) ^(15,16) . Buscou-se evidenciar que nestes referenciais é possível abordar as questões socioculturais como um eixo assistencial.
Segundo a turma, as teorias de enfermagem parecem distante das práticas do cuidado realizado, no entanto alguns estudantes consideraram que o fazer sem um arcabouço teórico representa uma ação sem reflexão e crítica, o que descaracteriza uma formação acadêmica. Alguns dos estudantes chegam a dizer que esses modelos não permitem um aprofundamento, interação e levamento singular dos problemas e, dessa forma, o processo de enfermagem toma um lugar burocrático e sem vida.
Na aproximação com teóricos mais contemporâneos como Fanon ⁽¹³⁾ e Souza ⁽¹⁴⁾ , buscou-se evidenciar de que modo as construções estruturais da sociedade compõem formas para suportar a retirada do eu (objetivado pelo racismo) e a impossibilidade de ser o outro (sujeito branco) e que esses desencontros originam sofrimentos psíquicos que apresentam estruturas diferentes e singulares.

DISCUSSÃO

A Teoria Crítica da Raça⁽⁷⁾ oferece arcabouço crítico, teórico e prático, que sustenta as ações antirracistas e afirmativas das quais a enfermagem precisa se apropriar. Ao tomá-la como um referencial para a formação na graduação, se pretendeu, a partir de seus princípios, identificar os caminhos por onde as ações afirmativas devem seguir, para que a formação seja, de fato, crítica, reflexiva e antirracista.

Nesse sentido, se optou por uma discussão a partir de dois dos princípios da Teoria Crítica da Raça⁽⁷⁾: o princípio do racismo como regra e o princípio da neutralidade racial.

A enfermagem e o racismo como regra

Tomar como premissa que o racismo é uma regra e não uma exceção significa considerar que a sociedade se estruturou, considerando o racismo como condição “normal” por que se tratar da “maneira habitual por meio da qual a sociedade opera, a experiência comum e corrente da maioria das pessoas de minorias raciais neste país”⁽⁷⁾.

Neste sentido, a história de profissionalização da enfermagem segue a regra. Ao considerar seu surgimento

em solo europeu, onde a norma foi regida pela maioria branca com seus privilégios raciais de dominação, viu-se em Florence Nightingale o modelo de enfermeira imagético e identitário, o que parece contribuir para uma formação de maioria feminina, branca e da alta classe social.

No Brasil, essa identidade imaginária se configurou em relações de poder, considerando que, na época do surgimento da enfermagem moderna neste país, sua composição populacional não era de maioria branca, mas sim de dominação branca. Ainda presentemente pelos dados do COFEN, nota-se que na categoria de enfermeiras e enfermeiros a composição é menor que nas outras categorias (técnicos e auxiliares), e ainda, a maioria branca está na categoria de nível superior e inversamente à maioria negra ocupa as categorias de nível médio.

No que diz respeito aos referenciais teóricos, a regra permanece, pois existe um baixíssimo reconhecimento dos conhecimentos das enfermeiras negras. É legítimo falar de Florence Nightingale, mas pouco se fala de Mary Jane Seacole, que, assim como Nightingale, ajudou nos cuidados aos feridos na guerra da Crimeia. Até pouco tempo não era conhecida por muitos, mas o governo

Quadro 3. Desenvolvimento do tema “Racismo: formação profissional, práticas de cuidar em enfermagem e as ações afirmativas em saúde” conforme os movimentos pedagógicos desenvolvidos na disciplina de Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental, Rio de Janeiro, Brasil, 2022

Tema: Racismo: formação profissional, práticas do cuidar em enfermagem e as ações afirmativas em saúde
Movimentos pedagógicos: teorização, discussão e proposição
Buscou-se evidenciar que os cuidados realizados por leigos, religiosos e curandeiros foi rechaçado em nome da racionalidade científica positivista europeia e que as referências pedagógicas e didáticas seguiram o modelo europeu, majoritariamente inglês e francês.
A turma contextualizou sobre a presença do racismo nessa época, pois a história da enfermagem traz como o requisito para a formação de enfermeiras o gênero (mulheres) e a raça (branca), além de um elevado nível social. Para as demais funções não havia a exigência étnico-racial. Outro dado que marca essa diferença interseccional entre gênero e raça na formação, é a escassez de professoras negras nos cursos de graduação e todos os presentes na aula concordaram com a baixa representatividade de docentes negros.
Apresentou-se dados do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) ⁽⁹⁾ , que evidenciam o seguinte panorama: no geral, a enfermagem é majoritariamente feminina, negra e de classe social baixa. Contudo, tomando-se especificamente a categoria enfermeiros, verifica-se uma diferença racial, ou seja, 57,4% são de raça branca e 37,9% composta por pessoas de raça negra. Alguns estudantes negros se manifestaram e reiteraram, a partir de suas experiências de vida, os dados evidenciados pelo COFEN.
A turma identificou essa desigualdade expressa nos dados do Conselho de Enfermagem e a interpretou como fruto de uma construção desde o início da formação em enfermagem, e manifestaram o entendimento de que a universidade, as políticas de ações afirmativas precisam chegar nos ambientes de trabalho. Alguns dos estudantes ponderam que, nos campos de prática, a desigualdade étnico racial persiste.
Os estudantes questionaram sobre essas diferenças interseccionais nos ambientes de trabalho, pois notaram que embora seja uma profissão dada a uma maioria do gênero feminino, ainda persiste as desigualdades de raça e classe entre as categorias de enfermagem. Ao pensarem em uma possível solução, eles reconhecem que os conselhos e os sindicatos da categoria são importantes para reduzir essas diferenças.
Discutiu-se, também, sobre como o racismo estruturou a sociedade e o processo de reprodução acrítica desta organização pelas instituições de saúde e de formação reproduziram. Apontou-se a Lei nº 8.080/90 ⁽¹⁷⁾ como forma de garantir os direitos da população brasileira e garantir a cidadania para todos no que se refere a saúde.
As desigualdades étnico-raciais no campo da saúde foram amplamente discutidas e alguns estudantes trouxeram exemplos da importância de atuar em consonância com as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS) — universalidade, integralidade e equidade, corroborando a garantia da saúde enquanto um direito da população negra e um dever do estado.
Nesse contexto, as ações afirmativas no cuidado em saúde e consequentemente na enfermagem foram compreendidas como possibilidade de romper as premissas racistas que implicam para as pessoas negras em condições desfavoráveis em relação às brancas. Reconheceram alguns dos mitos que foram amplamente difundidos, apesar de desprovidos de qualquer fundamentação científica. Um exemplo apontado pelos alunos foi o mito de que pessoas negras tinham maior tolerância a dor e que eram mais violentas.
Os alunos reconheceram a necessidade de garantir um cuidado respeitoso e corresponsável, para forjar um sentido humanizado para quem recebe e para quem presta a referida assistência. Os apontamentos trazidos pelos estudantes versaram sobre dois princípios do SUS: universalidade e a equidade. No que se refere a universalidade, eles questionaram o que entendem “ser para todos”, porque observam que o racismo pesa sobre o acesso aos serviços e procedimentos. No que concerne a equidade, todos os estudantes que argumentaram que o racismo é um fato consolidado, refeririam que outros indicadores se acrescentam quando interseccionado, como: idade, identidade sexual, gênero e a religião. Trouxeram exemplos sobre as situações em que o cuidado segue a regra do racismo em que pessoas negras foram tratadas de forma diferente que as brancas pelos profissionais da enfermagem. Nesse sentido acham valioso que o processo formativo se dedique a trabalhar essas questões como uma ação antirracista.

inglês a reconheceu como uma figura de relevância, ou seja, a regra é branca e a exceção é negra.

É importante observar esse recorte, mas se ficarmos apenas nele podemos cair na armadilha de considerá-lo um fato isolado. No Brasil algo semelhante compôs essa mesma construção, quando Anna Neri tornou-se o modelo imagético e identitário da enfermagem no país e esqueceu-se de falar da Maria José Barroso, conhecida

popularmente como “Maria Soldado”, que atuou também nos cuidados aos feridos na guerra do Paraguai.

Assim, no que concerne à regra para o imaginário de uma enfermeira, ela é branca. Nesse sentido, a brancura está para além da cor da pele, existindo algo simbólico que sustenta essa “regra”. O psiquiatra e filósofo Frantz Fanon refere-se ao racismo como uma impossibilidade de ser negro em uma sociedade racista e colonizadora,

que não reconhece as raças não brancas como sujeitos e que, pela dominação as colocou no lugar de objeto⁽¹³⁾.

Outra observação que necessita ser evidenciada refere-se ao despreparo das escolas de enfermagem no processo formativo (teórico-prático) pela via da diversidade. A cada dia, as universidades compõem-se de maneira mais plural, isto é, constituem seus quadros (discentes, docentes e administrativos) de diferentes grupos econômicos e sociais (gênero, raça). Entretanto, seus conteúdos são pensados ainda no contexto europeu e norte-americano de aprendizagem.

Este hiato também se faz presente nas políticas de saúde, nas quais foi preciso construir ações específicas para pessoas negras (Política Nacional de Saúde Integral da População Negra — PNSIPN)⁽¹²⁾ e indígenas (Política Nacional de Saúde dos Povos Indígenas)⁽¹⁸⁾. As diretrizes do SUS parecem que não foram suficientes para garantir uma saúde universal, integral e equânime para a população brasileira. Nesse sentido, orientações que compõem os projetos políticos pedagógicos para a formação dos profissionais da saúde, em especial a enfermagem, também precisam avançar.

A neutralidade racial e a formação antirracista

A formação antirracista tem um grande desafio: como lutar contra algo que está posto como condição de neutralidade? Poderíamos dizer que o princípio da igualdade que se tornou um direito constitucional salvaguarda todas as pessoas sem distinção de raça, gênero, classe social entre outros. No entanto, a Teoria Crítica da Raça⁽¹²⁾ discorda radicalmente dessa neutralidade, pois, para os teóricos críticos da raça, ela tampona as discriminações de diversas ordens, seja pelo gênero, classe social, nacionalidade e principalmente pela raça.

A Teoria Crítica da Raça⁽¹²⁾ reconhece a necessidade de se reexaminar a história e oferecer outro olhar e uma narrativa que reconheça fatos pela via do revisionismo histórico, a fim de superar essa falsa neutralidade/igualdade racial. Esta falsa neutralidade impede e limita as discussões a partir das diferenças. Desse modo, a visão dominante eurocêntrica considerou a igualdade pelo seu viés, mas o planeta terra e suas divisões geofísicas, políticas, sociais e econômicas são muito diferentes, o que não permite igualdades (inclusive a racial).

Ao negar a existência da neutralidade na formação em enfermagem, pode-se avançar e ampliar as discussões. Por meio de uma nova proposta epistemológica, voltamos para um quadro teórico renovado que, sem perder a perspectiva dialética, confronta o racismo acadêmico cotidiano vivenciado pelos estudantes e docentes negros na enfermagem. Essa percepção do ensino da enfermagem visa construir caminhos para que os privilégios da branquitude sejam extintos e garantam a igualdade de acesso e oportunidades para as pessoas não brancas.

As ações afirmativas instituídas para o ingresso de pessoas negras nas universidades são, inegavelmente, um grande passo para a entrada desse grupo na academia. Mas o mito da neutralidade dificulta a chegada de novos conhecimentos neste espaço de formação profissional. É preciso decolonizar conhecimentos e práticas. Para tal, é necessário haver mais docentes e pesquisadores negros, os quais devem ofertar maior diversidade nos conteúdos pedagógicos.

Para que as ações afirmativas combatam a neutralidade racial será necessário aumentar quanti e qualitativamente a ocupação de pessoas que estudem e defendam o antirracismo na formação em saúde, inclusive na enfermagem. Dessa forma, as discussões sobre raça, racismo e racialidade, no campo da enfermagem, sejam contínuas e ampliadas. Com vistas a construção de uma narrativa histórica onde o trabalho de pessoas não brancas apareça e seja legitimado, pois essa falsa neutralidade favorece o protagonismo da branquitude e dos seus privilégios na profissão.

Pelo ponto de vista da saúde e do cuidado, a neutralidade trazida pelo princípio da igualdade não se sustenta. Delgado e Stefancic⁽⁷⁾ trazem a seguinte narrativa: “Pessoas de minorias raciais têm vida mais curta, recebem assistência médica pior, tem menos escolaridade e ocupam mais postos de trabalho não qualificado que as brancas”.

Tal constatação se torna relevante na formação em enfermagem considerando que os conteúdos tratados na graduação raramente abordam a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN)⁽¹²⁾ e as demais políticas de combate a neutralidade. Dessa forma, o ensino no cotidiano das atividades em sala de aula também poderia funcionar como uma ferramenta potente de ação afirmativa no processo de aprendizagem e na superação do fazer eurocêntrico, cristão e branco.

A construção dessa aula foi uma decisão importante para a inserção dessa temática na disciplina de Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental. A formação antirracista é complexa e multifacetada e deve atentar para alguns pontos: o primeiro é compreender que a graduação em enfermagem não é exclusiva dos estudantes brancos, portanto, as ações afirmativas devem compor todo o processo formativo; o segundo ponto é que o corpo docente, sendo majoritariamente branco, precisará reconhecer seus privilégios e reconstruir uma pedagogia antirracista na enfermagem.

Relatos dessa natureza podem contribuir para a organização de atividades de ensino-aprendizagem em outras disciplinas e outros períodos da graduação, favorecendo a construção de um ambiente formativo pautado na diversidade racial.

CONCLUSÃO

Aula sobre racismo no ensino de graduação de enfermagem pode se configurar em uma ação afirmativa

relevante para a formação decolonial antirracista dos futuros profissionais.

FINANCIAMENTO

Esta pesquisa não recebeu apoio financeiro.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES – CRediT

LSAHS: concepção; curadoria de dados; análise formal de dados; metodologia; visualização; escrita – rascunho original e escrita - revisão e edição.

CMMT: curadoria de dados; análise formal de dados; metodologia; supervisão; visualização; escrita – rascunho original e escrita - revisão e edição.

MMF: visualização; escrita – rascunho original e escrita - revisão e edição.

TNS: visualização; escrita – rascunho original e escrita - revisão e edição.

REFERÊNCIAS

- Oliveira B, Oliveira J. Dimensões educacionais da equidade racial: um projeto interdisciplinar sobre relações étnico-raciais para crianças dos anos iniciais do ensino fundamental. *Revista Inter Ação*. 2022 Abr;47(1):43-58. <https://doi.org/10.5216/ia.v47i1.67773>
- Barros V. A “missão civilizadora” do colonialismo português. *Revista Angolana de Sociologia*. 2013 Jun;11:133-7. <https://doi.org/10.4000/ras.386>
- Manning P. Escravidão e mudança social na África. *Novos Estudos*. 1988 Jul;2(21):8-29.
- Gil NL, Antunes CP. Formas de exclusão e de presença da população negra na história da escola sul-rio-grandense. *Rev Bras Hist Educ*. 2021 Feb;21(1):e174. <https://doi.org/10.4025/10.4025/rbhe.v21.2021.e174>
- Rodrigues MT. A construção do pensamento racial e a luta dos ex-escravos pelo acesso à cidadania no pós-abolição à luz dos recentes debates historiográficos. *Revista Historiador*. 2020 Dec;13:72-96. Available from: <https://www.revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/view/222>
- Veiga LCC, Vascon LFC. A influência das Teorias Raciais e Eugênicas na produção científica nacional durante os séculos XIX e XX. *Revista de Iniciação Científica da FFC*. 2020 Nov;19(2):27-34. <https://doi.org/10.36311/1415-8612.2019.v19n2.p27-34>
- Delgado R, Stefancic J. Teoria crítica da raça: uma introdução. Tradução: Breda DM. 1ª ed. São Paulo: Editora Contracorrente; 2021.
- Sousa ALN, Cabral LFE, Moreira JM, Weihmüller VC, Rodrigues MMS, Araujo GG, et al. Professoras negras na pós-graduação em saúde: entre o racismo estrutural e a feminização do cuidado. *Saúde Debate*. 2021 Oct;45(spe1):13-26. <https://doi.org/10.1590/0103-11042021E101>
- Machado MH, Oliveira ES, Lemos WR, Wermelinger MW, Vieira M, Santos MR, et al. Perfil da enfermagem no Brasil: relatório final. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/COFEN; 2017.
- Bell B. White dominance in nursing education: a target for anti-racist efforts. *Nurs Inq*. 2021 Jan;28(1):e12379. <https://doi.org/10.1111/nin.12379>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil [Internet]. 2019 [cited 2022 Aug 15]. Available from: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Política nacional de saúde integral da população negra: uma política para o SUS. 2ª ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde; 2013.
- Fanon F. Pele negra, máscaras brancas. Tradução: Silveira R. Salvador: EDUFBA; 2008.
- Souza NS. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar; 2021.
- Schaurich D, Crossetti MGO. Produção do conhecimento sobre teorias de enfermagem: análise de periódicos da área, 1998-2007. *Esc Anna Nery*. 2010 Mar;14(1):182-8. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452010000100027>
- Garcia TR, Nóbrega MML. Contribuição das teorias de enfermagem para a construção do conhecimento da área. *Rev Bras Enferm*. 2004 Mar/Apr;57(2):228-32. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000200019>
- Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências [Internet]. *Diário Oficial da União*; 1990 [cited 2021 Nov 04]. Available from: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm
- Brasil. Fundação Nacional de Saúde. Política nacional de atenção à saúde dos povos indígenas. 2ª ed. Brasília: Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde; 2002.